



Acta Scientiarum. Education

ISSN: 2178-5198

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Balan, André Luis

Relatos de alunos surdos acerca da Escola Especial

Acta Scientiarum. Education, vol. 34, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 141-144

Universidade Estadual de Maringá

Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=303325322011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## Relatos de alunos surdos acerca da Escola Especial

André Luis Balan

*Programa de Pós-graduação em Educação Especial, Educação Bilíngue para Surdos, Libras/Língua Portuguesa, Instituto Paranaense de Ensino, Av. Prudente de Moraes, 815, Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: andredeza@hotmail.com*

**RESUMO.** O presente recorte (adaptado) apresenta uma análise das entrevistas feitas com três sujeitos surdos acerca das suas percepções sobre suas experiências educativas escolares no contexto das instituições especiais de ensino. Confirma-se, por meio do presente estudo, que os alunos estão cientes de algumas dificuldades das escolas especiais e sentem-se prejudicados por essas falhas. As análises das entrevistas realizadas, acerca das percepções dos alunos surdos sobre suas experiências educativas escolares nas escolas especiais, possibilitaram-nos reconhecer, por meio dos relatos dos próprios surdos, fatos recorrentes no espaço da escola especial, que influenciam ou mesmo delimitam a qualidade da educação destes estudantes.

**Palavras-chave:** surdos, instituição especial, educação.

## Reports of deaf students on the Special School

**ABSTRACT.** This excerpt (adapted) presents an analysis of interviews performed with three (3) deaf students about their perceptions and educational experiences in the context of educational institutions and special education. Through this study it is confirmed that students are aware of some difficulties of special schools, besides feeling prejudiced because of these flaws. The analysis of the interviews about some perceptions of deaf students on their educational experiences in special schools allowed identifying, through their reports, recurring events within the special school, which influence or even limit the quality of education for these students.

**Keywords:** deaf, special institution, education.

### Introdução

Pensando na educação das pessoas surdas e buscando dar atenção a estes tomamos por pressuposto que ao analisarmos as experiências educativas escolares sob a ótica e fala dos sujeitos surdos, poderemos contribuir para a ampliação do debate no tocante à formação e atuação destes sujeitos no espaço escolar como também na sociedade em geral, logo que muitos são os questionamentos que se faz sobre os espaços e os métodos educacionais a ofertar a este público. Assim, alguns questionamentos nos serviram de fio condutor para a presente discussão: as condições ofertadas aos sujeitos surdos nas escolas especiais são viáveis, de maneira a permitir que participem produtivamente do cotidiano social? Como é utilizada a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) durante o ensino dos conteúdos escolares? Quais as dificuldades encontradas na relação professor-aluno? Quais as condições ofertadas no ensino especial e o reconhecimento dos alunos enquanto produtores de conhecimento?

Para preservar as identidades dos sujeitos entrevistados neste estudo, atribuiremos suas identificações como alunos: 'A', 'B' e 'C'.

Vale ressaltar que as entrevistas foram filmadas, usando, como forma de comunicação a Libras e, posteriormente, transcritas. No ato da transcrição foi indispensável cautela, pois entendemos que tal procedimento, de transcrição, requer total fidelidade com o relato do material coletado a fim de não distorcer o conteúdo das entrevistas ou mesmo permitir que algum parecer particular, por parte de quem transcreve, possa interferir na legitimidade do conteúdo.

Nesta visão, após as entrevistas, nos comprometemos a re-encontrar com os entrevistados, quando se fizesse necessário, para esclarecimentos acerca de eventuais incertezas, tanto de compreensão da Libras quanto dos conteúdos coletados por meio das entrevistas. Posteriormente a esses procedimentos, cada entrevistado teve acesso à transcrição correspondente, impressa, para casuais correções e a partir de suas análises, confirmadas a fidelidade delas.

Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento garantindo que a reprodução dos trechos das entrevistas guardará sigilosamente suas identidades.

É importante tomar nota que todos os entrevistados nunca passaram pela escola regular, ou

seja, frequentaram, desde as séries iniciais, a Instituição Especial de Ensino.

### Análise das entrevistas

Observamos, nos relatos, que a Libras foi/é a base usada para a aprendizagem, comunicação e interação desses alunos, seja dos conteúdos escolares ou nos grupos de pares; têm a Libras como primeira Língua, por qual convivem no mundo e por meio dela foram ‘aprendendo as coisas’<sup>1</sup>. Destacam que quando necessitavam se comunicar por meio da leitura labial, no espaço escolar e fora dele, eles não entendiam o que tentavam lhes falar, apresentando dificuldades de se comunicarem por meio deste método.

Unanimemente demonstram reprovação no método oral usado para a comunicação por parte de alguns professores, nesta Instituição. Percebe-se, nos relatos, que alguns professores buscavam aprender a língua de sinais, todavia eles assumiam salas de aulas despreparados para comunicarem-se com os alunos e nem mesmo a Instituição Especial disponibilizou um intérprete que mediasse a comunicação para o decorrer da aula, papel esse feito por um surdo, que deveria, logicamente, fazer-se presente na posição de aluno e não de intérprete, como relatado pelo aluno ‘B’:

Não entendia a leitura labial então colocava minha atenção no meu amigo, fazendo em Libras. Somente um surdo conseguia fazer leitura labial, ele falava bem. A professora explicava para ele, que entendia e ela esperava até que ele interpretasse para os outros alunos. E assim ele era um mediador. Mas perdemos muitas coisas nessas aulas também.

Como não havia a presença de um intérprete, o improviso encontrado, na experiência deste aluno, foi a mediação de alunos surdos que, com o auxílio do aparelho, conseguiam ouvir ou mesmo possuíam a habilidade de fazerem leitura labial. Enfatizamos aqui o inadequado método da Instituição Especial em usar da oralidade, método este questionado pelos alunos deste estudo, usuários da Língua de Sinais e, como destacou o aluno ‘B’, foram prejudicados nestas aulas, muitas coisas eles perderam, colocando em dúvida a qualidade das aulas ministradas por esses professores, não divergindo do estudo feito por Machado (2006, p. 40):

[...] a educação de surdos torna-se um assunto inquietante, principalmente porque diferentes práticas pedagógicas, envolvendo os alunos surdos, apresentam uma série de limitações, geralmente levando esses alunos, ao final da escolarização básica,

a não ser capazes de desenvolver satisfatoriamente a leitura e a escrita na língua portuguesa e a não terem o domínio adequado dos conteúdos acadêmicos.

Contudo, à medida que os professores iam aprendendo e usando a Libras os alunos passaram a entender os conteúdos: “É! Começou a ficar mais claro!”<sup>2</sup> Inferimos que “[...] quando ocorre a partilha dos sentidos pretendidos por ambos os interlocutores chega-se a um resultado bem-sucedido, e é isso o que se espera das relações pedagógicas” (LACERDA, 1997, p. 126).

É evidente a necessidade da comunicação na mesma Língua para a clareza dos conteúdos escolares, pois concordamos que “[...] a falta de domínio de uma língua comum entre surdos e ouvintes com certeza dificulta... a interação, a comunicação e a própria construção de conhecimento” (TARTUCI, 2002) levando-nos a entender não ser um parecer conclusivo desta Instituição de Ensino Especial. Porém, compreendemos que os professores devam assumir as salas de aula já fluentes na Libras, isto é, que esta habilidade seja requisito básico para a contratação de professores neste espaço de ensino, obtendo compreensão que a Língua de Sinais é a melhor opção para a comunicação, declarada pelos sujeitos deste estudo.

Percebe-se que a barreira da comunicação entre professores e alunos são recorrentes há tempos atrás, tanto nas Séries Iniciais quanto no Ensino Médio, na experiência destes alunos entrevistados. Perguntando ao aluno ‘C’: - em que série estava quando estes fatos sucederam-se: “- Terceira série. O professor, eu acho, percebeu que os alunos não estavam entendendo [...]”. E relata, pouco mais adiante, a mesma questão, referente ao tempo atual: - “Estou no ensino médio, o professor é novo e os alunos começaram a reclamar que ele não sabe Sinais. A escola é boa, mas falta a Libras”.

Diante destes episódios é perceptível que práticas essenciais continuam deixando a desejar no espaço de Ensino Especial aos sujeitos surdos. Vivemos em um contexto onde há cursos de graduação em Letras-Libras, como também o exame de proficiência no uso e ensino da Libras – Prolibras/MEC - em Nível Médio e Nível Superior, no entanto, o *locus* desta pesquisa: escola, continua a disponibilizar, na função de docente aos alunos surdos, pessoas não-aptas ao uso da Língua de Sinais, Libras.

Entre vários questionamentos, além da questão da Língua usada no espaço escolar, os alunos destacam a atuação dos professores quanto às

<sup>1</sup>Relatado pelo aluno ‘C’.

<sup>2</sup>Relatado pelo aluno ‘C’.

exigências na aprendizagem dos alunos. À medida que o professor cobrava ativamente os trabalhos e tarefas dos conteúdos escolares sua aprendizagem avançava. Contudo, quando tinham aulas com professores que apresentavam concepções paternalistas/assistencialista<sup>3</sup>, na experiência do aluno 'B', o rendimento da aprendizagem reduzia. Sua vontade em aprender a fazer redação também reduziu, acomodando-se da persistência em aprender a escrever, chegando seguidamente a ser reprovado.

Tomamos nota na falta de esclarecimentos no âmbito da gestão escolar no que se refere às séries percorridas por um aluno entrevistado, relatando não ter frequentado uma série, isto é, ao invés de ser passado para a série seguinte, transferiram-no para a série mais adiante da qual 'deveria' frequentar. E argumenta que até hoje está desinformado do motivo de tal atitude, sem ao menos ter conhecimento se fizeram um diagnóstico para devidas providências. (Tomamos nota que o aluno não estava atrasado na série escolar, referente à sua idade).

Compreendemos que ensinar por meio de uma linguagem visual-espacial, em um mundo organizado para atender a linguagem oral e escrita, não é uma tarefa que se realiza com pouco esforço. No entanto, buscando uma educação com melhor qualidade, não podemos deixar de contestar as falhas da educação de surdos na Instituição Especial de Ensino, frente aos relatos dos próprios alunos que criticaram também a prática dos professores fluentes em Libras, não reduzindo as lacunas da escola de surdos somente ao uso ou não da língua de sinais.

Especificamente o aluno 'C' critica a omissão dos professores quanto aos significados das palavras colocadas no quadro: “- O professor não sabe o sinal, ‘pula’ a palavra. Não se aprende nada.” Ainda há a sugestão que, para facilitar a compreensão dos enunciados no quadro, fosse ‘puxado/aberto’ um espaço no canto, como um vocabulário, a fim de relembrarem os significados das palavras, quando necessário. Nesta compreensão, fica nítida a dificuldade que têm de memorizar os conceitos e significados das palavras na Língua escrita, dificuldade, dada a parecer, desobrigada pelos professores em buscar ou mesmo apresentar amenização para tal.

Dentre várias situações e problematizações acerca da educação de surdos nas escolas especiais, em

função de apresentarmos as experiências vividas pelos alunos, destacamos um episódio que possibilita discutir a qualificação do profissional em sala de aula, no caso, a dificuldade de aprendizagem, fatos comuns do dia a dia, frente ao contexto escolar, que, por despreparo do professor, pode prejudicar os alunos, ocasionando traumas, medos e especialmente a não-aprendizagem. Segue-se, abaixo, parte do relato do aluno 'B', entrevistado:

Eu lembro quando eu era pequeno, tinham outros surdos juntos, eu cheguei para o professor perguntando o significado da palavra ‘ofuscado’, o professor me explicou, eu aprendi e saí. Outro dia, o professor perguntou o significado da palavra ‘ofuscado’ e eu já tinha me esquecido seu significado, alguns alunos lembravam, eu respondi: - ih, não lembro, esqueci. O professor respondeu (faz expressão de brabo): - você foi o primeiro a me perguntar, sabe sim, seu burro. Eu me ‘tranquei por dentro’ e não faço mais pergunta até hoje. Não tenho coragem de fazer perguntas. Lembro do ‘ofuscado’ e fiquei com trauma... Eu nunca mais perguntei.

Indagamos sobre o despreparo do profissional no processo de aprendizagem dos alunos. Concernente da citação supra, fica a pergunta: será que diante os relatos/percepções dos alunos, não estamos desatentos às reivindicações aos próprios sujeitos, envolvidos, a saber, alunos surdos, no que tange às suas experiências educativas escolares?

De modo geral, dentre várias questões coletadas, faz-se presente questões sobre o despreparo dos professores quanto ao domínio da Libras, devendo ao nosso entendimento, ser requisito predominante na contratação dos professores para atuarem nestas instituições; a falta de esclarecimentos por parte da Instituição na sequência das séries percorridas por um aluno; a omissão dos significados das palavras colocadas no quadro e o parecer da desobrigação do professor em apresentar a amenização para a dificuldade de aprendizagem/memorização das palavras; a falta de ética e profissionalismo do professor em chamar um aluno de ‘burro’; as percepções dos alunos quanto à diminuição na exigência dos professores na qualidade das tarefas reduzindo assim o rendimento e persistência dos alunos, demonstrando o caráter paternalista/assistencialista, tais concepções reducionistas são comentados por Góes e Souza (1999, p.183):

Foram feitos deficientes quando foram empurrados caritativamente de uma série escolar à outra, como se deles não pudesse esperar nada além do ponto a que chegaram. [...] Foram feitos ‘não estúpidos’ mas um pouco menos inteligentes, por nós ouvintes.

<sup>3</sup>Paternalistas/assistencialistas' não são expressões usadas pelo aluno 'B', mas é o entendimento que obtivemos diante do referido contexto.

## Considerações finais

Compreendemos ser necessária uma estrutura no processo de formação profissional para se atuar na docência. E entendemos ser indispensável que toda comunidade escolar esteja atenta às especificidades dos sujeitos surdos e suas reivindicações, não limitando essas apenas à Língua de Sinais, ficando claro que eles têm muito para ajudar a construir uma educação com melhor qualidade. “O aluno surdo, na situação pedagógica, não é de maneira alguma passivo; ele está atento e busca significar de alguma forma as situações nas quais está envolvido” (LACERDA, 1997, p. 126).

Sobremaneira, percebe-se que os relatos coletados não se distanciam dos conteúdos referentes às bibliografias pesquisadas sobre a educação de surdos, encontrando pendências no processo de formação destes sujeitos mesmo no contexto da escola especial.

Fica evidente a reivindicação de melhorias tanto na atuação dos professores em salas de aula quanto no sistema escolar como um todo. Sinalizando em depoimento, aluno ‘C’: “- A escola é boa, mas falta a Libras. O professor precisa aprender o que é o Surdo”.

## Referências

- GÓES, M. C. R.; SOUZA, R. M. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excluído contexto da inclusão. In: SKLIAR, C. (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. v. 1. p. 163-187.
- LACERDA, C. B. F. O processo dialógico entre aluno surdo e educador ouvinte: examinando a construção de conhecimentos. In: GOES, M. C. R.; SMOLKA, A. L. B. (Org.). **A significação nos espaços educacionais: interação social e subjetivação**. Campinas: Papirus, 1997. p. 111-144.
- MACHADO, P. C. Integração. Inclusão na escola regular: um olhar do egresso surdo. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 38-75.
- TARTUCI, D. **Alunos surdos na escola inclusiva**: ocorrências interativas e construção de conhecimentos. 2002. Disponível em: <[http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=82:alunos-surdos-na-escola-inclusiva-ocorrencias-interativas-e-construcao-de-conhecimentos&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17](http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=82:alunos-surdos-na-escola-inclusiva-ocorrencias-interativas-e-construcao-de-conhecimentos&catid=6:educacao-inclusiva&Itemid=17)>. Acesso em: 20 set. 2002.

Received on October 20, 2011.

Accepted on December 7, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.